



## Filosofia no ensino médio brasileiro: os desafios do diálogo com a América Latina

POR EVERTON ALEX DE ARAÚJO GONÇALO,  
ADMA BEZERRA SOARES Y  
JANICE DA SILVA OLIVEIRA

everton\_aga@hotmail.com  
admasoares@hotmail.com  
oliveira.janice.ufpe@gmail.com

### Introdução

O retorno da filosofia para os últimos anos da educação básica no Brasil aponta para uma oportunidade de contato do jovem com esse conhecimento, no formato de disciplina curricular, conforme a lei Nº 11.684 de 2008, que garante a obrigatoriedade, após a supressão que aconteceu por meio da lei Nº 5.692 de 1971, (GIOTTO,2005). O retorno representa uma conquista para educadores e alunos, e também demarca outras questões, referentes à organização desses saberes e seu papel na formação.

Diante disso, destaca-se de modo singular a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que definem e orientam a construção de currículos para todo o país. Essa elaboração consiste em uma proposta destinada a seleção dos conteúdos, que devem fazer parte da formação escolar do aluno. Nesse ínterim em 2006 foi lançando uma versão voltada para o estudo de temáticas filosóficas destinada aos últimos anos da educação básica, o PCNEM<sup>1</sup>, além da adoção da obra de *Marilena Chauí, serie novo ensino médio* e outros documentos como a OTM<sup>2</sup>.

Todavia observa-se nas análises desses encaminhamentos curriculares, e no referencial didático uma preferência por correntes de pensamento européias, como a filosofia helênica e contemporânea, incluindo o estudo dos pensadores que mais se destacaram nesses períodos (PCNEM,2006.p.34), caracterizando uma perspectiva de ensino

<sup>1</sup> Parâmetros curriculares nacionais (ensino médio)

<sup>2</sup> Orientações teórico metodológicas do Ensino Médio



eurocêntrica, sugerindo que a organização da disciplina seja assentada na tradição filosófica européia como forma de expressão válida do filosofar, distanciando-se do estudo de pensadores brasileiros e latino-americanos, desconsiderando o que nas palavras de (STRECK,2010), representa um filosofar Abya Yala<sup>3</sup>, que possa revelar questões filosóficas brasileiras e dos outros países deste continente.

Tal indicativo alia-se a forma como a filosofia e outros saberes foram inseridos no modelo educacional. Tendo em vista que a primeira proposta de filosofia que provém do período colonial, era destinada a formação da elite dirigente; conseqüentemente foi a protagonista dessa prática em virtude da aparente ausência de filósofos e pensadores na sociedade. Concomitantemente a esse quadro, Nunes (2009, p.19), alerta que “continuamos a fazer filosofia olhando para a Europa e de costas para o nosso continente”. Apesar dos séculos de distância, essa concepção ainda se faz presente, pois quando se analisa a forma como as orientações curriculares dos últimos anos da educação básica brasileira foram elaboradas na atualidade, percebe-se uma gama de aproximações.

Nessa perspectiva, o trabalho propõe uma reflexão da problemática descrita a partir de referenciais bibliográficos dos filósofos, sociólogos, integrantes da perspectiva pós-colonial, que por sua vez assumiram o compromisso com o desvelar de sentidos implícitos na relação epistêmica dos povos vítimas da colonização, se propondo a refletir sobre a dependência que o nosso conhecimento possui com a matriz européia, questionando a totalidade e soberania desta condição

(MIGNOLO,2008,2010;GROSGUÉL,2006;KUSCH,199).

Agregam-se a esse direcionamento os documentos que estão atuando na inserção da filosofia como disciplina nas instituições de ensino, a fim de compreender a presença/ausência do pensamento latino-americano em tais orientações

---

<sup>3</sup> Existem hoje estudiosos delineando uma filosofia andina originária de abya yala ( nome do nosso continente, antes da chegada dos europeus ), que indica caminhos para recuperar uma sabedoria oprimida e invisibilizada. (STRECK,2010,p.24)



metodológicas, elaboradas para auxiliar os educadores na abordagem e na seleção dos conteúdos. A partir desse horizonte, buscou-se analisar como tais elementos podem favorecer a formação do jovem, especificamente no Brasil.

O exercício de teorização realizado sob esses encaminhamentos assume uma abordagem metodológica hermenêutica, considerando a peculiaridade do cunho deste estudo bibliográfico. Por tal característica assumimos esse caminho por reconhecer as contribuições de tal abordagem, que busca desvelar aspectos ocultos nos textos, assinalando novos achados para o pesquisador. Ou seja, transformando dados em elementos que compõe o fenômeno pesquisado, se entrelaçando a realidade observada (CORETH,1973). Ao eleger a hermenêutica como base de nosso estudo, consideramos a existência de um universo de sentidos, que se entrelaça no decorrer de nosso exercício, além de fundamentos teóricos essências para compreensão.

O presente estudo também é composto de um referencial teórico dividido em três partes, além de introdução e considerações finais. Assim, expomos na primeira categoria teórica o desvelar da filosofia latino-americana, o dilema histórico do reconhecimento de suas produções e filósofos como uma fonte de expressão do pensar, dialogando com os estudos pós-coloniais. Nas duas categorias seguintes, abordamos a problemática da inserção desta filosofia nos referenciais didáticos para o ensino desta área na educação básica brasileira, e também analisamos alguns aspectos da prática em sala de aula, com apoio da pesquisa de (HENNING;2012). Os achados presentes nas considerações finais apontam para a prática pedagógica como um caminho para disseminação destes conhecimentos.

### **1. Filosofar Abya Yala: Desafios para o diálogo com a matriz européia.**

Pensar a filosofia por uma perspectiva diferente da que rege a matriz européia é um tema recente que vem ganhando destaque principalmente na América latina, de onde emergem reflexões sobre a submissão epistêmica que foi imposta ao nosso continente, alegando que ainda dialogamos de forma dependente, tomando-as como referência e



parâmetro para moldar o conhecimento, secundarizando, ou ate mesmo negando nossos próprios saberes.

No tocante a filosofia, essa prática se faz presente no período colonial alcançando a atualidade, pois foi um dos saberes incorporados ao projeto de dominação do pensamento. Portanto, resgatar nossos saberes e tecer teorias com base nessa realidade é um desafio que vem sendo aceito pela ressignificação de vários campos do conhecimento.

Com base no indicativo, destacamos o final do século XX como uma fonte fecunda para produções teóricas em diversas áreas, com ênfase para o campo filosófico, que questionam a soberania da matriz europeia e refletem a relação de dependência epistêmica. Nessa perspectiva surge a filosofia da libertação protagonizada na Argentina, onde seu maior expoente é o filósofo Enrique Dussel. A base desta teoria se propõe a inversão do lócus de enunciação, ou seja, se fundamenta a partir dos povos que compõe as sociedades periféricas, e que possuem outra cosmovisão, além de uma realidade cultural distinta, diferente das vivências de uma sociedade europeia.

Sensível ao contexto (DUSSEL,1997) chama atenção para o papel que o cânone ocidental do conhecimento ocupou no projeto de colonização, mantendo os interesses da classe dominante, colocando seus saberes, e com isso também a filosofia dentro de um conjunto de verdades inquestionáveis.

A esse respeito alerta que “a filosofia clássica de todos os tempos é o acabamento e a realização teórica da opressão prática das periferias” Dussel (1997, p.11). Levando em conta o que nos diz (Dussel,1997), vale ressaltar que o processo não foi finalizado com a libertação das colônias, pois mesmo sem a tutela declarada dos protagonistas do conhecimento, a relação de dependência e submissão se manteve de tal forma, que se questiona na atualidade a existência de produções filosóficas latino-americanas, conforme relata Zimmermann (1987):

Percorrendo bibliotecas e livrarias, encontrei de tudo, desde os pré-socráticos ate Heidegger. Quase nada, porém, sobre e da America Latina, fiz então minha primeira constatação: toda filosofia, a filosofia ensinada entre nós, foi e, em



expressão maior, é ainda a européia. Não temos pensamento próprio, talvez pela nossa equivocada crença na “universalidade” da filosofia e de sua pretensa “perenidade” (p.19)

Tal problemática indica a exigência de ressignificar o que se chama de filosofia na América latina, redirecionando o olhar para elementos que se estruturam numa “contraposição com o eu egótico da subjetividade moderna européia”

(ZIMMERMANN, 1987, p. 48). Trilhando outros rumos na busca por autonomia, com a intenção de refletir sobre questões que incidem nas diferentes esferas da vida dos povos latino-americanos, auxiliando no reconhecimento e na afirmação da especificidade, e na pluralidade cultural deste continente, representando o esforço de uma *episteme* assentada em novas bases (cf. OLMEDO, 1993). Esse pensar foi singularmente desenhado na proposta de uma *Filosofia da Libertação*, que assume como paradigma a formação social periférica.

A proposta de uma filosofia da libertação também dialoga com os estudos pós-coloniais, no sentido de perceber, o que nas palavras de (MIGNOLO, 2010) se caracteriza como um dos aspectos do desprendimento epistêmico;

En otras palabras, el vuelco des-colonial es un proyecto de desprendimiento epistémico en la esfera de lo social (también en el ámbito académico, por cierto, que es una dimensión de lo social), mientras que la crítica post-colonial y la teoría crítica son proyectos de transformación que operan y operaron básicamente en la academia Europea y Estadounidense. De la academia desde la academia. Por ello resaltamos lo que Quijano concluye afirmando que el desprendimiento (una manera de entender el vuelco descolonial) comienza en la descolonización del conocimiento.

(MIGNOLO, 2010, p.15)

O processo descrito consiste em uma das faces da descolonização do conhecimento, descentralização da matriz européia, que por sua vez expõe saberes diferentes, proveniente de outros lugares, consolidando o desafio de estabelecer um diálogo. Nessa direção que se dá a contribuição de Rodolfo Kusch, filósofo argentino, que propõem refletir sobre os efeitos de uma consciência pura, negando o fator biológico de existência, colocando a questão do lugar, o nascimento como um dos fatores para se



definir a validade do saber, pois definir o que é ciência, conhecimento, não é um privilégio de toda Europa, mas é um poder das nações colonizadoras, determinando até mesmo a idéia que se tem de Europa, e resumindo em poucos países, o mesmo obscurecimento foi transmitido para as Américas do sul e central, e uma parte do norte.

Delimitar um modelo ontológico, e inserir todos os povos e suas tradições, foi um dos legados deixados durante e após a colonização, onde se observa em tal modelo a expressão do ser (europeu-colonizador) e o que está à margem, o outro (povos ancestrais das colônias), (DUSSEL,1997). Com base no exposto, é possível perceber que não basta ser próximo das feições do colonizador para produzir saberes, é preciso nascer em suas terras e partilhar de suas “conquistas” para fazer parte de sua existência.

Para validar e garantir à hegemonia dessa concepção, os saberes do campo filosófico exerceram um papel crucial, determinando como filósofos, sábios, exemplos imortalizados de conhecimento os intelectuais das nações colonizadoras. Disseminando o rotulo de pensador para todos que nascem fora de suas fronteiras. Rodolfo Kusch (1999), expõe em sua obra “*América profunda*” a dificuldade dos povos subalternizados de se reconhecerem dentro deste modelo, como produtores de conhecimento, abrangendo também a filosofia. Diferente de (DUSSEL,1977), que retrata o modelo sob as categorias de ser e outro, (KUSH,1999) estabelece a consciência pura (ser), que passa a existir diante de uma consciência mestiça (outro), questionando a universalidade dos consagrados conceitos filosóficos já naturalizados. A esse respeito (MIGNOLO,2008) nos coloca em contato com a reflexão do autor, alertando para importância de estabelecer um diálogo com a consciência mestiça;

Assim, a consciência mestiça para um filósofo argentino de descendência alemã, bem versado em Kant, Hegel, Nietzsche, Husserl, Heidegger, não é uma questão de sangue, mas uma questão de sentir a fratura entre ser e estar; uma sensação de estar fora do lugar, de sentir quando irá teorizar durante os anos cinquenta como a força natural da América e, nos anos sessenta e setenta, se mover para um entendimento da filosofia aymara ou do pensamento aymara (MIGNOLO,2008,p.303)



A reflexão de Kusch não se fundamenta apenas na crítica ao que já foi estabelecido como paradigma ontológico da existência, mas representa uma forma de expressão, um modo diferente de analisar a mesma questão, que carrega os traços de uma interpretação original da realidade dos povos latino-americanos. Diante das controvérsias, e das alegações de falta de autonomia e forte tendência a reprodução, conforme indica Salazar Bondy (1968) “que afirmou ser impossível desenvolver um pensamento genuíno e original a partir das Américas, cuja produção intelectual estava condenada a ser inautêntica e imitativa” Pinto (2012.p.337). Em contraposição a essa afirmação, o processo de descolonização faz emergir nossas teorias, confrontando a incerteza, assinalando a descolonialidade de se pensar além do que já foi dito como última palavra.

Nessa linha, Mignolo (2008, p.304) alerta que “É preciso que a opção descolonial fique clara neste contexto. Descolonial significa pensar a partir da exterioridade de uma posição epistêmica subalterna”, o que nas palavras de (GROSFOGUEL,2006) significa reconhecer que a epistemologia possui uma cor, um corpo, que quase sempre é masculino, branco, europeu, consolidando a face do ser, colocado seu lócus de enunciação em evidência para decidir o que é, e o que não é filosófico. Observa-se que essa forma de instituir o saber, continua reproduzindo a desconfiança, porém, destaca-se também a crítica a essa postura, e a resistência de educadores, pesquisadores para romper com essa prática.

E com base nesse direcionamento, reconhecendo a contribuição da filosofia da libertação, dos estudos pós-coloniais, e dos filósofos deste continente, como: Enrique Dussel (1997), Leopoldo Zea (2005), Grosfoguel (2006), Walter Mignolo (2008), (2010), Rodolfo Kusch (1999), que buscamos o diálogo com o cânone ocidental, não no sentido de desvalidá-lo, mas de apresentar outros caminhos para o filosofar, pois em séculos de vivências ancestrais, independente dos colonizadores muito foi dito e produzido, porém não está disseminado.

Nesse sentido que se dá a contribuição da educação, em especial do ensino de filosofia, que pode familiarizar o aluno com o pensar produzido nesta terra, o retirando da condição de ouvinte passivo, para ingressar no status de participante de um processo



formativo em suas origens epistêmicas. Lançando um convite para que essa parcela da nova geração possa refletir sobre sua existência, e que outras questões filosóficas surjam a partir de uma interpretação aliada a realidade histórica e cultural de seu povo.

## **2. Os Encaminhamentos Didáticos: Análise dos Documentos norteadores do Ensino de Filosofia**

O diálogo com os estudos pós-coloniais, com a filosofia da libertação, a teoria de Rodolfo Kush, buscam desmembrar e colocar em evidencia o filosofar *Abya Yala*, como fonte de expressão e cosmovisão, divergente da perspectiva européia, mas que partilha do mesmo status de importância, frente aos argumentos de fragilidade teórica, ou simplesmente não ser filosofia, pois conforme Zea (2005,p.40), refletir sobre essa relação já é “filosofia pura e simplesmente”. O dilema entre fontes válidas e não-válidas é uma discussão recente nos fundamentos acadêmicos desses saberes, mas que repercute no ensino, um dos mais importantes canais da população com as questões filosóficas.

Em países como Brasil, o formato de disciplina para a filosofia se construiu de forma imperialista, conforme indica a primeira proposta dos colégios jesuítas, destinados a uma pouca parcela da população (PAIM,2007), até meados do século XX quando foi desqualificada alegando-se falta de estrutura e utilidade para uma formação crítica (SANTOS; ANDRIOLI,2005). Apenas após as lutas dos educadores, dos movimentos sociais foi possível a mudança do quadro, o que culminou com o retorno em 2008, por força da lei Nº 11.684 de 2008, garantindo obrigatoriedade para o ensino médio da educação básica, correspondendo à formação do jovem, além da participação em processos seletivos para acesso a universidades e faculdades. Assim, destacamos a fragilidade da proposta encaminhada as escolas, na ausência de considerar os saberes dos filósofos latino-americanos, revelando que tal ausência apresenta indícios históricos.

Nessa perspectiva é importante compreender as orientações metodológicas sugeridas por documentos e referências didáticas que fundamentam o retorno da disciplina. Para





isso assumimos os pressupostos da interpretação hermenêutica, com a finalidade de revelar sentidos implícitos na compreensão do parâmetro curricular nacional dedicado a filosofia, finalizado em 2006. Alia-se a análise o estudo da OTM, e o referencial didático disponibilizado para as escolas, de modo específico o livro de Marilena Chauí *Serie Novo Ensino Médio*.

Partilhando da intenção de obter maiores subsídios, observamos na versão mais recente desta elaboração uma mudança significativa de concepção acerca do estudo de “Temas Filosóficos”, uma vez que as orientações presentes nesse (PCNEM,2006) divergem da versão anterior, no sentido de possibilitar maior contato do jovem com teorias protagonizadas por filósofos em diferentes períodos históricos, e propõe a multiplicidade de questões característica do exercício do pensar, conforme demonstra esse trecho da nova elaboração, expondo algumas sugestões de conteúdos:

Proposicional; filosofia pré-socrática; uno e múltiplo; movimento e realidade; teoria das idéias em Platão; conhecimento e opinião; aparência e realidade; a política antiga; a República de Platão; a Política de Aristóteles; a ética antiga; Platão, Aristóteles e filósofos helenistas (PCNEM,2006,p.32)

Agrega-se ao indicativo a escolha da obra de Marilena Chauí estruturada em um volume único, que se mostra em sintonia com o campo filosófico, no sentido de apresentar conteúdos essenciais que favorecem a experiência do pensar. Apesar de bem estruturada didaticamente, abarca em seu panorama histórico apenas as contribuições européias, sem mencionar o movimento filosófico latino-americano (OLIVEIRA e SANTIGO, 2011,p.901). Sendo assim, realizamos um levantamento nesta direção e constatamos que esta referência didática se articula com a nova versão do parâmetro curricular.

Essa forma de organização também esta presente nas OTM<sup>4</sup>, que assinala a necessidade de familiarização, mas indica o estudo de pensadores distantes no tempo e no espaço

---

<sup>4</sup>Orientações teórico-metodológicas do Ensino Médio (filosofia): “O exercício de mediação sobre os temas da existência humana pressupõe a mediação de conceitos e categorias, que não surgem espontaneamente e que são necessárias para filosofar. Para lidar com conceitos precisamos de um mínimo de familiaridade com o



como fonte do filosofar. Nessa perspectiva, é possível enxergar as limitações do PCNEM (2006), da OTM (2006) , assim como da obra didática indicada pelo MEC, no que se refere às origens latino-americanas desse conhecimento. O que nos faz refletir sobre a manutenção dessa centralização na atualidade. Nesse aspecto concordamos com Estermann (Apud STECK, 2010) sobre a hegemonia filosófica que se expressa na América, assinalando que a face mais aparente se revela nos currículos:

As filosofias oficiais, sobretudo nas universidades e academias, mas também nos currículos do ensino médio, seguem exclusivamente o paradigma ocidental apoiado em princípios lógicos hermenêuticos da ilustração européia, com forte tendência a exclusão de todo tipo de pensamento heterodoxo (p.24).

A visão de Estermann (2010) indica que as bases da tradição européia sedimentam o ensino, provocando uma exclusão de qualquer outra forma de filosofar, revelando uma situação paradoxal frente ao discurso empreendido pelas políticas educacionais nas últimas décadas, que assinalam uma perspectiva de valorização dos saberes locais. Avaliando esses indicativos, aparentemente a filosofia nas escolas ainda parece estar alheia a este processo de emancipação. Aparentemente não se propõe a romper com esse paradigma histórico, uma vez que se apresenta uma filosofia descontextualizada da realidade latino-americana. O que não justifica tal dicotomia, pois o campo filosófico é essencial para a formação crítica, reflexiva, e contribui para que o homem se perceba como parte significativa e protagonista de sua história em qualquer lugar e tempo, tendo como principal característica o diálogo entre saberes.

Com efeito, assinalamos a centralização como foco dessas elaborações, mas também destacamos a flexibilidade da filosofia para inserção de novos elementos, pois como descreve Favaretto (1998, p. 22) “A filosofia é antes de mais nada uma disciplina cultural, pois a formação que propicia diz respeito a significação dos processos culturais e históricos”, entretanto vale ressaltar que a realidade atual aponta para a necessidade de reestruturação urgente, pois nas palavras de Freire (1979, p.43): “O melhor aluno de filosofia não é o que dissera, *tipsis verbis*, sobre a filosofia da mudança em Heráclito

---

acervo cultural que constitui o campo filosófico, ou seja com a cultura filosófica acumulada. Porque utilizaremos os pensadores distantes de nos no tempo e no espaço” (OTM, 2006, p.2).



(...).O melhor aluno de Filosofia é o que pensa criticamente sobre todo este pensar e corre o risco de pensar também”, o que indica uma nova compreensão sobre o que é ser aluno de filosofia na perspectiva latino-americana.

Partindo dessa constatação apontamos que os encaminhamentos dados a disciplina podem demonstrar ausência, mantendo tais saberes encobertos pela tradição eurocêntrica, porém encobrir não significa eliminar. Em detrimento deste direcionamento, e mesmo considerando a ausência nos documentos analisados, não é possível declarar sua total falta de interação, pois nas aulas ofertadas pela disciplina no nível médio, se corrobora a prática pedagógica do educador como elemento mediador entre o aluno e a filosofia, suas impressões e necessidades.

É sob essa ótica que surgem os embates, pois o educador passa a lidar com a cosmovisão eurocêntrica e a dos seus alunos, necessitando encontrar caminhos para desvelar esses saberes, tornando-os próximos. E justamente nesse movimento é possível emergir novas perspectivas, construindo uma epistemologia popular. Esse direcionamento foge as limitações que se evidenciam nos documentos, ao mesmo tempo proporcionam outro olhar acerca desta ausência.

### **3. Os Desafios do Pensar Latino-Americano, sentidos que emergem de uma Prática Pedagógica**

O contato do aluno com a Filosofia na escola indica uma possibilidade de promover uma formação crítica e reflexiva capaz de proporcionar uma leitura do mundo mais rica e significativa. Para que seja possível consolidar um projeto assentado na valorização da cosmovisão de sua historicidade e cultura, porém é preciso compreender os caminhos escolhidos pelas instituições e professores, a fim de conhecer o que acontece nesses espaços. Essas aproximações estabelecidas nas salas de aula podem revelar outro olhar acerca das constatações apresentadas nos tópicos anteriores desse trabalho.

Portanto buscamos refletir sobre o papel das práticas pedagógicas exercidas pelo educador, partilhando da concepção de que uma aula de filosofia não discorre apenas de pressupostos curriculares, mas abarca outra dimensão repleta de interpretações,



pautados pela criatividade, que se expressam no exercício de uma autonomia docente, alicerçada nas vivências, pois conforme assinala Aspís (2004).

As aulas de filosofia como lugar de experiência filosófica são lugar de estudo e produção. Nelas a cada dia surge o novo, pois são espaço de criação. Sendo assim é movimento de provocação: provoca-se o surgimento de pensamento original, provoca-se a busca de compreensão

A expressão de criatividade, da provocação afirmada por (ASPIS,2004), representa um aspecto pouco explorado, principalmente no que se refere a ao pensar latino americano como manifestação filosófica. Com base nas análises apresentadas nas categorias teóricas anteriores, observa-se que é pouco o investimento em nossa tradição filosófica, seja ela nacional ou tecida em outros países da América latina. Entretanto é importante destacar sua parcialidade, pois a figura do educador nos conduz a outros achados. Levando em consideração suas inferências e o contexto de cada turma que leciona.

Buscando uma articulação do debate conceitual com as questões que fazem parte da realidade dos jovens. É possível dessa feita criar uma relação mais consistente com a filosofia. Diferente da postura tradicional de apenas expor a contribuição européia como forma legítima de pensar e de ensinar, utilizando conceitos que fazem parte de um mundo distinto do nosso. Prática comum nas escolas quando o assunto são os saberes filosóficos, que tende a distanciar o aluno, causando o pressuposto da dificuldade (OLIVEIRA e SANTIAGO, 2011). Trata-se, dessa forma, de um desafio que é colocado diariamente ao professor de filosofia no Ensino Médio: garantir um bom nível de aprendizagem da classe.

Para realizar esse caminho, e preciso reconhecer que se trata de uma relação a ser construída passo a passo com o jovem. Nessa perspectiva, é importante considerar a metodologia que mediara aprendizagem, sua articulação deve ser flexível, não se trata de negar o que está posto historicamente como saber filosófico, mas destacar a presença de um horizonte de compreensão que se expressar nessa realidade e se entrelaçar as vivências dos alunos. Por tal característica, abordagem de nossos pensadores e de suas teorias pode representar um novo elemento para reflexão, ao mesmo tempo em que se constitui no questionamento de uma postura



tradicionalmente assumida, que acaba sendo transmitida como formula segura de aprender e ensinar.

A ruptura com essa tendência representa um desafio para o ensino dessa área na educação básica, impulsionada pelo atual momento de valorização da filosofia no âmbito educativo (BRASIL,2008). Almejamos refletir sobre o exercício dessa abordagem, quando ela não esta assinalada em referenciais didáticos ou propostas curriculares, ou seja, lançar a pergunta: quais fatores podem impulsionar a busca por novas interpretações? Assim encontramos na pesquisa de Henning (2012) realizada com vários docentes e que atualmente lecionam a disciplina no Ensino Médio um possível caminho de reflexão para nossa indagação, conforme o autor discorre no trecho que segue:

Os participantes do estudo contribuíram a seguir frente à questão: *Quais as maiores dificuldades que os alunos encontram na disciplina de Filosofia?* Notamos em primeiro lugar, uma frequência significativa nos problemas referentes a dificuldades de linguagem, vocabulário, interpretação, leitura e escrita. (p.34)

Como demonstrado na pesquisa de (HENNING,2012), o educador se depara com essas dificuldades cotidianas de seus alunos, o que remete ao tempo que esse saber permaneceu afastado da formação (CARBONARA,2004), ocasionando em uma falta de familiarização. O enfrentamento da problemática assinalada na pesquisa sugere trazer para os alunos um diferencial do que seria essa filosofia tradicional, repleta de conceitos e palavras fora de nossa realidade, mas que podem ser ressignificados.

A partir das dificuldades apontadas, concordamos com indicação dos sujeitos da pesquisa realizada por Henning (2012,p.15) ao revelar a necessidade de “novas abordagens, métodos de ensino mais atrativos aos adolescentes”. Essa renovação pode ser protagonizada apenas pelo educador, avaliando as necessidades de seu contexto, buscando tais métodos, diferentes teorias mais próximas e familiares aos jovens para proporcionar a curiosidade, o interesse, conseqüentemente a familiarização.

Tais dados, auxilia-nos a entender como a ausência caracterizada em nossas análises documentais, não são suficientes para afirmar o total abandono da perspectiva latino-



americana, pois a busca de maior aproximação com a filosofia por parte do educador revela um novo horizonte capaz de trazer esses elementos para a prática, não como forma de substituição da contribuição européia. Mas como o início de uma trajetória de reconhecimento de que o modelo imposto historicamente, por tantos séculos não dar conta da singularidade presente na multiplicidade de povos que compõe essa realidade.

Frente aos desafios assinalados é possível ver nas dificuldades apontadas pelos educadores, sobre o entendimento dos seus alunos, uma possível reformulação da prática que supostamente pode favorecer a disseminação de elementos filosóficos distintos da tradição clássica, ocasionando um princípio do desprendimento epistêmico, como nos diz (MIGNOLO,2010). No sentido de busca fora da abordagem hegemônica os caminhos para pensar a filosofia, revelando nesse mesmo movimento a necessidade de refletir sobre uma epistemologia que não está nos materiais ofertados.

### **Considerações finais**

O retorno da disciplina após um longo período de afastamento nas salas de aula, iniciou um processo de valorização destes saberes, proporcionando a oportunidade de repensar o sentido de ensinar e aprender, fazendo emergir questionamentos sobre a relação que se matem com esses saberes. Tendo em vista que ao empreender uma investigação hermenêutica nos encaminhamentos curriculares foi constatado ausência da filosofia latino americana, fato presente na primeira proposta de ensino brasileira até atualidade (PCENEM,2006) (PAIM,2007). Entretanto essa característica é bem delimitada e teorizada na perspectiva dos estudos pós-coloniais, conforme exposto por Enrique Dussel (1997). Mignolo (2008), Rodolfo Kush (1999), alguns dos principais protagonistas dessas idéias, pois colocam em evidencia o papel da filosofia no projeto de conquista do colonizador e sua continuidade após a colonização.

Nessa direção se caracteriza a cristalização tanto da seleção de temáticas, como dos conteúdos considerados essências, onde se mantém o que Silva (2002,p.10) alerta sobre essa prática “somente assim as filosofias do passado deixam de ser monumentos cristalizados com os quais mantemos uma relação quase fúnebre”. Em detrimento da



manutenção da dependência, tais autores assinalam a urgência de se romper com esse compromisso. Desta forma os dados obtidos demonstram a mesma urgência para o ensino, especificamente a educação básica, em virtude das recentes transformações.

Contudo o cenário passa por significativas mudanças, pois nesse contexto, em que a interpretação das orientações metodológicas, e no referencial didático, evidencia tal ausência, é importante considerar outros aspectos, e de modo mais específico as experiências consolidadas na sala de aula como objeto de análise e reflexão. Esse olhar nos permite descortinar sentidos pouco enfatizados no diálogo com o pensamento pós-colonial, mais próximo, das questões educacionais, tal como a autonomia do educador em propor outras formas de ver e conviver com a filosofia.

Frente a essa realidade, seria precipitado decretar a total ausência de tais elementos. Nessa perspectiva, redimensionamos nossa atenção para tais práticas e seus sentidos, buscando refletir acerca da experiência do educador que atua no nível médio considerando suas impressões e percepções sobre a disciplina, concernentes as orientações metodológicas disponibilizadas, somando também a contribuição da pesquisa já realizada no campo utilizadas em nosso estudo, que se traduz em uma fonte fecunda para dar continuidade à investigação por outro viés.

Com base na reflexão dos dados coletados, avaliamos que a autonomia em organizar a proposta de ensino parece ser o primeiro passo para mudança de concepções históricas e tradicionais, pois a identificação dos professores dos principais problemas que habitam suas salas de aula apontam a linguagem filosófica tradicional como um obstáculo, pois o aluno que passa a ter contato apenas no final do processo formativo do nível básico com a filosofia, não possui uma familiarização satisfatória, e acaba sendo surpreendido por uma linguagem distinta de qualquer outro idioma, própria dos livros de filosofia. O obstáculo apontado acaba por distancia a disciplina do universo de compreensão dos jovens. Dessa forma, torna-se fundamental favorecer ao aluno a possibilidade da construção de suas próprias impressões, consolidando o exercício de uma atitude filosófica diante da realidade que está inserido, conforme aponta Cerletti (2009, p.80): "A responsabilidade do professor é conseguir que esse breve momento de



contato com a filosofia seja significativo na vida escolar de um aluno.” Nessa perspectiva, é crucial considerar a exigência de um investimento no que se refere à atenção que o professor dedica aos seus alunos, considerando suas especificidades e familiaridade com a disciplina.

Apesar das indicações didáticas não abordarem pensadores latino americanos, ou indicar outros elementos mais próximos de nossa realidade, é possível buscar esses elementos no diálogo estabelecido em sala de aula, mesmo que de forma secundária, essa seria uma dimensão prática, que necessita de um aprofundamento mais abrangente, assinalando outro caminho para pesquisa.

Diante de tal possibilidade, e mesmo sem a confirmação de uma abordagem latino-americana em curso, o fato da constatação dos educadores de que o que está posto como modelo correto se distancia da realidade atual, se enquadra no que (MIGNOLO,2008) caracteriza como desprendimento epistêmico, onde se percebe que o conhecimento puramente assentado nas bases da matriz do colonizador pode ser questionado. Nesse ínterim que a filosofia expressa de forma universal, pode ser ressignificada de múltiplas maneiras, e se tornar acessível à percepção dos jovens por meio de uma abordagem metodológica que considere outra linguagem e interpretações filosóficas diferentes do que é considerado tradicional, é possível dessa feita criar uma relação mais consistente.

Iniciativa diferente daquela postura que alheia ao mundo, detém-se unicamente no resumo das teorias européias, pela utilização de conceitos que fazem parte de um universo distinto daquele. Tal perspectiva encontra-se sintonizada com uma compreensão de que filosofar é realizar o exercício de um pensar aberto às diferentes possibilidades, que assim se constitui quando somos capazes de levar em consideração outros caminhos, construídos por múltiplos olhares. Esse foi um dos aspectos identificados nessa pesquisa, pois diante das dificuldades de compreensão dos jovens, outras interpretações podem ser elaboradas que assinem o exercício de uma prática de ensino que se volta para a busca da realidade do aluno e sua cultura.





## Bibliografía

ALVES, Dalton José. **A filosofia no ensino médio**: ambiguidades e contradições na LDB. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002

ASPIS, Renata Pereira Lima. **O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n64/22832>> acessado em 20.12.2014. BRASIL. Decreto de lei n.11.684 de 2 de 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm)>.

Acesso em: 2 novembro 2014.

BRASIL. **PCNEM - Parâmetros curriculares Ensino Médio**: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC; SEMTEC, 2006.

CARBONARA, V. Apresentação. In: CANDIDO, V. **Filosofia e ensino: um diálogo transdisciplinar**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Muller Xavier]. - Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009. (Ensino de Filosofia)

CORETH, Emerich *Questões fundamentais de hermenêutica*. Front Cover. Editora da Universidade de São Paulo, 1973 - 202 pages

DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da libertação na América Latina**. Rio de Janeiro, 1997, Loyola.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 4 o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FAVARRETO, Celso F. **Sobre o Ensino de Filosofia**. In: Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 97-102, jan./jun. 1993.

GIOTTO, Joyce Mary Mello. **A filosofia no ensino médio e as interfaces da legislação**. In: RIBAS, Maria Alice Coelho et all (Orgs.). *Filosofia e ensino: a filosofia na escola*. Ijuí: Unijuí, 2005.

GROSGOUEL, R. "La descolonización de la economía-política y los estudios poscoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global", in *Tábula Rasa* (Bogotá, Colombia), n.º. 4 (enero/junio), pp. 17-48. 2006.

HENNING, Leoni Maria Padilha. **"Formação do professor de Filosofia para o ensino médio" - uma análise a partir de dados da realidade fornecidos por professores paranaenses**. 2º Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia: Construindo os caminhos do ensinar e aprender. Recife, 12, 13 e 14 de dezembro de 2012. Anais Eletrônicos. Recife: FASA - Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2012. 1161 p. ISSN 2316-5391

KUSH, Rodolfo. *América Profunda*. 1 ed. Buenos Aires: Biblos, 1999.



MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008

\_\_\_\_\_. Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Del Signo, 2010, 126 p.

MORENO OLMEDO, Alexandro. *El aro y la trama: episteme, modernidad y pueblo*. Valencia: Centro de Investigaciones Populares - Universidad de Carabobo, 1993.

NUNES, Antônio Vidal. A Filosofia na América Latina: uma leitura do seu desenvolvimento. *Revista Filosofia Edição 33 – 2009 Brasil* Disponível em: <<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/edicoes/33/sumario.asp>> acessado em : 21/03/2011.

OLIVEIRA, Janice da Silva. SANTIAGO, Maria Betânia do Nascimento. **Filosofia no ensino médio: em busca de um pensar nacional**. I congresso latinoamericano de filosofia da educação: identidade e diferença da Filosofia da educação na América latina. PUC-Campinas- São Paulo, 2011- Brasil, ISSN 2236-7519. Disponível em : <http://www.alfefilosofiadelaeducacion.org>. Acessado em : 25.08.2014

\_\_\_\_\_. **Os Desafios do Ensino de Filosofia na realidade Brasileira: Avaliando a experiência do Préacadêmico. *Pedagogía 2011* Encuentro por la unidad de los educadores. Palacio de Convenciones de La Habana 24 al 28 de enero de 2011 Disponível em:** <http://www.pedagogia2011.rimed.cu/index.php>. Acessado em 20.10.2014.

PAIM, Antonio. **história das idéias filosóficas no brasil**. 6ª edição revista. vol. ii – as correntes. edições humanidades. londrina. 2007. disponível em <[http://institutodehumanidades.com.br/arquivos/vol ii problemas filosofia brasileira.pdf](http://institutodehumanidades.com.br/arquivos/vol%20ii%20problemas%20filosofia%20brasileira.pdf)> acessado em : 22.02.2012

PINTO. Simone Rodrigues .**O Pensamento Social e Político Latino-Americano: etapas de seu desenvolvimento**. *Revista Sociedade e Estado*. Volume 27 Número 2 - Maio/Agosto 2012 Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/se/v27n2/a07v27n2>>. Acessado em 15 de dezembro 2014.

SANTOS, R. & ANDRIOLI, A. I. . Educação, globalização e neoliberalismo: o debate precisa continuar! *Revista Iberoamericana de Educación, Espanha*, v. 35, n. 1, p. 1-14, 2005. Disponível em: <[www.rieoei.org/deloslectores/905Santos.pdf](http://www.rieoei.org/deloslectores/905Santos.pdf)>. Acesso em: 18 novembro. 2010.

STRECK, Danilo R., ADAMS, Telmo e MORETTI, Cheron Zanini. **Pensamento pedagógico em nossa América: uma introdução**. In: STRECK, Danilo R. (org.). *Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, F.L (2001). **História Da Filosofia, Formação e Compromisso**. *Revista Trans/Form/Ação, Histografia da Filosofia*. Marília , outubro de 2001, Brasil,v.25,n.1,p.7-115.



SCANNONE, Juan Carlos. Para uma filosofia inculturada na América Latina. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v.20, n.63, 1993.

ZEA, Leopoldo. *Discurso desde da marginalização e a barbárie; seguido de, A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. [Tradução de Luiz Gonzago; Acosta Espejo; Mauricio Delamaro; Francisco Alcidez; Candia Quintana]. Rio de Janeiro : Garamond editora, 2005, p.488.

ZIMMERMANN, Roque. **América Latina o não ser** – uma abordagem filosófica a partir de Henrique Dussel (1962-1967). Petrópolis, Editora Vozes, 1987, 264 pp.